

**DARCY RIBEIRO NO EXÍLIO LATINO-AMERICANO:
DESLOCAMENTOS DE RETINA E ESCRITAS EM TRÂNSITO**

Adelia Miglievich-Ribeiro (Ufes)¹

Resumo:

Darcy Ribeiro experimentou, ao todo, 12 (doze) anos de exílio, após o Golpe militar em 1964 no Brasil, entre tentativas de retorno ao Brasil e novos expurgos. Proponho a *invenção* de um texto capaz de ligar fragmentos de seus relatos, confissões e entrevistas, como se Darcy tivesse realizado uma *escrita de si*. Proponho o tema do intelectual exilado sob a inspiração de Theodor Adorno e de Edward Said a fim de concluir sobre o significado dos trânsitos na experiência *prejudicada* do exílio e na constatação da escrita como *morada*. Nesta senda, revelo Darcy Ribeiro tornado *brasileño latino-americano*, apto a reconstruir, por isso, a ideia da *Pátria Grande* de Bolívar, desta vez, a incluir o Brasil na utopia latino-americana. Defendo a hipótese de que uma especial *estrutura de sentimentos*, conceito caro ao materialismo cultural de Raymond Williams (2011), fez emergir nas décadas de exílio nos anos 1960-70, fruto dos governos autoritários na América Latina, uma rede de intelectuais a forjar um pensamento crítico, dotado de uma originalidade em sua legítima pretensão de apresentar o continente como lócus de enunciação. Nesta perspectiva, trago os testemunhos do intelectual exilado reescritos literariamente por mim e aponto a *narrativa*, em acordo com Paul Ricoeur (2005), como também uma forma de reconciliação entre passado, presente e futuro.

Palavras-chave:

Darcy Ribeiro. Exílio. Intelectual. Escrita de si. Estruturas de sentimentos. América Latina.

Apresentação

Elejo Darcy Ribeiro (1922-1997), num amplo leque de intelectuais que conheceram a experiência do exílio. Antropólogo, sociólogo e cientista político, ensaísta e literato, homem de partido, Darcy ocupou o ministério da educação e da cultura no curto parlamentarismo brasileiro e, com João Goulart presidente, tornou-se o chefe da Casa Civil. Trazia já em sua bagagem a criação da Universidade de Brasília (UnB) que

¹ Pesquisadora CNPq, nível 2. Taxa de Pesquisa Fapes.

materializou o empenho de muitos, sobretudo, a feliz parceria com Anísio Teixeira, ao qual dedicava admiração irrestrita.

Com a deposição de Jango pelo golpe civil-militar em 1º de abril 1964, Darcy Ribeiro veio a compor, inintencionalmente, uma específica rede de intelectuais latino-americanos exilados e engajados na produção de um pensamento crítico e autóctone a partir da América Latina. Foram 12 (doze) anos entre o Uruguai, Venezuela, Chile, Peru e México, com algumas vindas conturbadas ao Brasil, por extrema teimosia, e viagens para a Europa, a trabalho.

O Uruguai foi o país onde, mesmo não tendo premeditado, Darcy primeiramente se abrigou. Seu caso não é isolado. Mário Cassinoni, amigo e reitor da Universidade da República Oriental do Uruguai, garantiu-lhe o emprego como professor. Nos quatro anos no Uruguai, Darcy Ribeiro escreveu muito, editou seu primeiro livro e participou de importantes publicações, como a *Enciclopedia Uruguaya*, a *Víspera* e a *Marcha*, que reuniam destacados intelectuais críticos, a exemplo de Ángel Rama.

Darcy Ribeiro, posteriormente, a convite do governo venezuelano, trabalhou na construção da Universidade Central da Venezuela. No Chile, foi o intelectual brasileiro mais próximo de Salvador Allende que, vitorioso na eleição presidencial de 1970, como candidato da Unidade Popular (UP), promoveu a construção do socialismo chileno com a manutenção e o aprofundamento da democracia. No Peru, a convite do General Velasco Alvarado que, tomando o poder em 1968, nacionalizou os bancos, criou as “comunidades industriais” - formadas pelos trabalhadores com participação na propriedade da empresa - estatizou a colheita e o processamento do fumo, estabeleceu relações com Cuba, China e os países socialistas da Europa, dentre outros, Darcy Ribeiro, então funcionário da Unesco, trabalhou em Lima no Sistema Nacional de Mobilização Social (Sinamos), onde pôde pensar um pioneiro programa de informatização com vistas ao planejamento nacional, também atuando na proposição de reforma universitária no país.

A instabilidade política daquelas décadas provocava, porém, sucessivas expectativas frustradas. O Uruguai, o Chile e o Peru, depois do Brasil, também se tornaram expulsórios. Tudo poderia ter levado Darcy à desistência de seus projetos, contudo, ele se descobriu latino-americano no exílio e isto o alimentava. Viveu amores, sobretudo, fez amigos, de toda a vida. Foram as amizades que tornaram, para ele, as paisagens percorridas menos estranhas e inóspitas. Sentiu, é verdade, muito intensamente, saudades do Brasil, e da sonoridade da língua portuguesa. No exílio

latino-americano, contudo, qualquer primeiro estranhamento era transformado em familiaridade, mais do que isso, em “irmandade” de classe. A alteridade, ele torna próxima, *semelhança*, devido a uma dupla convicção, de um lado, na espécie humana e em sua vocação para a felicidade, de outro, na aguerrida adesão à integração do povo latino-americano.

Pouco se sabe, entretanto, ainda hoje sobre a rica experiência do exílio de Darcy Ribeiro. Neste artigo trago um pouco esta memória. Tenciono, primeiramente, a experiência da *escritura*. Com base em fragmentos de relatos esparsos sobre suas viagens, e sobre o exílio propriamente, também a partir de entrevistas, *invento* o que poderia ter sido uma escrita de si, por Darcy Ribeiro. Num segundo momento, retomo o tema do intelectual exilado e entrelaço ao conceito de *estruturas de sentimentos* do crítico literário galês, Raymond Williams (2011). Busco, em suma, apontar para a atmosfera na qual, irrequieto e provocativo, o intelectual exilado *reinventa-se* a si próprio pela palavra escrita e pelo senso crítico.

1. Viagens e miradas: Darcy Ribeiro por ele mesmo²

Escrever confissão é se explicar, justificar. Na escala cósmica é pura besteira. Vadiagem. Na escala humana é vaidade. Mas existo, confesso, e quero que me vejam. Estas confissões são como quem dá um grito parado: “Olhe, povo. Estou aqui”.

*Enfrentei a vida com coragem, inocência e gozo. Ajudou-me muito a noção outra de que me viro, de tudo me safo. Ajudou também a compreensão de que aquilo que não tem solução, solucionado está. Ajudou, inclusive, minha **ousadia aventureira**, de lançar-me sempre em busca de **novos caminhos**, sem perder tempo e energia com lamentações.*

Em abril de 1964, me vi no exílio junto com Jango no Uruguai. Fugi de Brasília para o Rio Grande do Sul e dali, num pequeno avião, ia ser levado por amigos para Buenos Aires, mas o avião aterrissou em Salto, situado a 500 quilômetros de Montevideu e, diante das tropas da polícia, num rompante, pedi lá asilo político. Pensei sempre que aquele seria um exílio de seis meses. Na verdade, foi longuíssimo, alongando-se pela Venezuela, Chile e Peru e me levando também em viagens de trabalho a vários países europeus.

² Baseio-me em: RIBEIRO, 2010a; RIBEIRO, 2010b; RIBEIRO, 2014. Os negritos são meus.

*Minhas primeiras viagens para fora do Brasil, aliás, estiveram ligadas às minhas atividades de etnólogo e de indigenista. A primeira dessas foi em 1951 ao altiplano andino. Fui de avião para Lima e lá passei dois dias olhando a beleza das casas antigas e a feiura das novas que estavam sendo construídas. Dali, fui com o terninho que eu usava no Rio de Janeiro para o frio de 4 mil metros de altura de La Paz. Eu senti aquele frio primeiro como uma **agressão**, ainda dentro do avião, do qual custei a sair. Entre correndo no aeroporto e fiquei encolhido como um pinto molhado diante de uma enorme lareira, esperando que me procurassem. Como ninguém me procurou, tomei um táxi e pedi para ir para o melhor hotel. Lá perguntei se havia aposento reservado para o delegado do Brasil. Havia, mas ele não tinha chegado, me informaram. “Chegou sim, sou eu!”.*

Fiquei uns dias mais na Bolívia para fazer observações por conta própria. Aceitei um convite de um dono de minas de estanho e fui a Oruro num carro Rolls Royce, colocado sobre trilhos, em companhia de um assessor de relações públicas norte-americano. Na ida para Oruro, paramos no meio do caminho, a meu pedido, para ver o que havia ali. Era uma ruína de alguma construção colonial, onde se abrigava contra o vento feroz uma família índia. Ali, no meio daquele deserto, aquela gente fugindo da ventania gelada me deu o retrato da dureza que é a vida dos índios do altiplano.

Fiquei hospedado na residência do dito assessor e vi com horror a saída de centenas de mineiros do fundo da mina, que é como se saíssem do fundo da terra. Cobertos de poeira, magros, esqueléticos. Pareciam mais bichos da terra que gente mesmo. Em sua casa bem montada, fui atendido por suas duas criadas índias, troncudas, que ele ofereceu para me “servirem”. O que me impressionou também foi o armazém que provia os engenheiros e o pessoal bem pago das minas. Nunca tinha visto tanta fartura de tanta coisa boa e cara. Eram conservas, queijos, bebidas, perfumes, tudo que se imaginasse a bom preço, para quem ganhasse bom salário.

A primeira vez que fui à Europa, em 1954, foi para Suíça, a convite da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Uma boa experiência naquela viagem foi encontrar em Berna um garçom cearense que lá estava há vinte anos. Saiu comigo na hora de folga para mostrar a cidade. Era já bernabês, ou lá o nome que tenha.

Fui ter, afinal, em Paris, e fui ao Museu do Homem, que me horrorizou. O museu todo me deu a impressão de que foi feito pela rainha Vitória para mostrar a grandeza dela. Exagerava a valer, exibindo tudo que mostrasse os extra-europeus como selvagens. Por exemplo, os Maori, gente tão bonita e que tem tatuagens tão lindas, eram apresentados

como amostra de selvageria. Fui de selvagem em selvagem, muito danado com aquela forma de montar um museu.

Gosto mais da Espanha. Não tanto de Madri. Gosto mesmo é de Barcelona, principalmente de seu mercado de Rambla, o melhor que vi na vida, pelos peixes frescos e coloridos frutos do mar, pelas verduras e frutas, entre elas um melão que cheira a um quarteirão de distância e ainda me cheira nas vendas. Também gostei de Granada, com sua presença árabe tão veemente. Mostra da grandeza e fineza do poderio sarraceno.

*No exílio, ficar na América Latina, recusando as oportunidades de ir para Paris ou Roma, foi a decisão mais sábia que fiz na minha vida e que me possibilitou a **reconstrução de mim mesmo como intelectual**. Na Europa, teria continuado minha etnografia indígena como um mero etnólogo de gabinete e viveria sempre sob o risco de me converter num basbaque, como acontece com tanta gente. Em lugar disso, no Uruguai me fiz **um brasileiro mais consciente e aprendi a ser latino-americano**.*

Na Universidade da República Oriental do Uruguai, fui imediatamente nomeado professor de Antropologia. Dava minhas aulas no maior silêncio que tive na vida. Sabia-se que, perdendo uma palavra que fosse do meu portunhol, a frase desabaria. Nunca tive alunos tão atentos. Lá, em Montevideú, escrevi a parte maior das minhas teorias antropológicas e, também, esbocei meus primeiros dois romances. Nunca tive anos tão tranquilos e tão fecundos. No discurso de despedida, eu agradeci aos uruguaios o amparo e ajuda que me haviam dado.

*Mas os primeiros meses de exílio são sempre desesperantes, tanto que eu ocupava quase todo o meu tempo lendo livros de ficção científica para alimentar a fera de minhas frustrações. Li centenas deles. O exílio é uma experiência terrível. Para todos, **o exílio é sofrimento**. Mas a verdade é que não fui um exilado roído de saudades, amargado de frustração e outras bobagens (sabe que às vezes me envergonho de não ser capaz de fruir o gosto de sofrer o exílio como recomendam os fortes?). Fiquei bem, trabalhando como um celerado. Só depois de escrever mil páginas de livros em minha estada em Montevideú é que senti que o acumulado começou a descarregar.*

Para mim, o exílio foi ruim, mas suportável. Prosseguia, também, na militância política junto com meus companheiros brasileiros, especialmente Jango e Brizola, que não se falavam por conta da discordância na reação ao Golpe no Brasil. Eu ia à casa de Brizola participar do circuito paranoico do exílio. Uns dez homens coexistiam ali, tensos, falando de um contragolpe que se tornava cada vez mais inverossímil. A notícia

de uma placa que caíra logo de manhã de uma loja em Porto Alegre, ao fim da tarde se tornara uma placa de Brasília que caíra na cabeça de um coronel.

Com o passaporte uruguaio, fui a Cuba. Estive com Che e com Fidel. Voltando de Cuba, passei uns dias em Moscou. Moscou me espantou pelo que espanta a todos: o Kremlin. Foi impossível não ver os milhares de quilômetros de prédio e apartamentos feitos pela mesma mão, feíssimos. O Kremlin, porém, é o contrário, é obra única no universo. Indescrevível.

*Quando retornei ao Uruguai, recebi ordem de não mais viajar, nem para a Argentina, ao lado! Nenhum navio me levaria para lugar algum com medo de não ter onde me deixar, um **apátrida**, que não poderia descer em solo algum. No início de 1968, a saudade do Brasil, porém, foi mais forte. Sabia dos estudantes nas ruas, correndo risco de vida, acreditei na força deles desafiando a ditadura e não aceitei ficar de fora, em segurança. Voltei para o Brasil e não demorou, fui preso. Nove meses depois de ser libertado, era obrigado, novamente, a sair de meu país.*

Fui recebido em Caracas, que parecia a Praça Mauá, um povo igualzinho ao brasileiro. Fui trabalhar na reforma da Universidade Central da Venezuela. Os militares brasileiros pressionavam o governo da Venezuela para não me deixar ficar. Uma corajosa venezuelana, porém, em seu programa de TV denunciou a perseguição e, então, depois de meses, recebi meu visto permanente.

Mantinha minha militância junto aos governos latino-americanos que se esforçavam para romper com a dependência e com o atraso. Trabalhava muito. Fui para o Chile trabalhar como assessor de Salvador Allende. Nunca participei de um empreendimento tão radical e tão generoso. Ali repensávamos com ousadia o mundo que era e planejávamos, ainda mais ousadamente, os mundos que deviam ser. Antes de Allende cair, lançando-se sobre o Chile um tempo de escuridão, eu já havia partido para o Peru a convite de Velasco Alvarado que fazia, de um modo muito diferente de Allende, um governo que eu enxergava como uma outra via, talvez mais plausível, de combate às oligarquias e ao poderio estrangeiro na América Latina. Trabalhei em Lima como representante da Unesco.

Numa de minhas férias, fui a Europa e estava em Portugal quando passei mal. Internado, descobri que tinha câncer num dos pulmões. Desesperado, implorei para morrer no Brasil e deixei meus amigos loucos. Os militares, também acreditando que eu morreria, permitiram que eu viesse para a cirurgia que me arrancaria um dos pulmões. Cheguei no Galeão e, desde o avião, fui escoltado. No carro dos “milicos”,

pedi a um deles que antes de me levar para o hospital passasse pela Avenida Atlântica, que me devolvesse Copacabana, o Rio de Janeiro, o Brasil.

Ainda na convalescença, fui mandado embora novamente. Segundo os próprios militares, eles não poderiam mais me garantir a segurança física e não eram poucos os irascíveis inimigos políticos inconformados de eu receber meu tratamento no Brasil. Voltei para o Peru, mas era outro país então. Velasco já não tinha forças. Meu trabalho estava condenado. Parti para o México. O presidente Echeverría já me dera prova de grande amizade. Ele enviara um professor da Universidade Autônoma do México para me localizar no Chile, depois da queda de Allende. O professor me procurou em vão nas prisões e nos depósitos de cadáveres, aos milhares. Mas eu estava a salvo em Lima. Emociono-me ao me lembrar disso.

O México deslumbrou-me como deslumbra todos. O palácio presidencial, com seus enormes painéis de Rivera, me impressionou muito. Num deles, está escrito: “Pobre México, tan lejos de Dios, tan cerca de América”. Visitei também, detidamente, a Unam, o mais belo campus universitário que conheci, de excelente arquitetura e de fidelidade figadal à mexicanidade.

*Voltei, depois, muitas vezes ao México, que é para mim **uma segunda pátria**. Fiz muitos amigos. **Lá me sinto em casa** e gosto muito de seu povo índio, de sua civilização em três dimensões: a asteca das pirâmides, a colonial das igrejas e a moderna da Unam. Mas o que amo, principalmente, é a amizade que os mexicanos sempre dedicaram a mim e aos exilados todos que lá caíram. Esse é um belo pendur mexicano, que vem dos tempos em que acolheram milhares de intelectuais espanhóis fugidos, que deram uma contribuição fundamental para a cultura mexicana, atitude que depois estenderam a todos nós, latino-americanos perseguidos.*

Lembro que sofri na minha primeira viagem ao México meu primeiro terremoto. Mais tarde, fiquei “doutor” em terremotos e nos terrores que eles provocam. Vi o mundo ruir, porém, foi em Lima. Aprendi naquele terremoto uma coisa. É que a terra, ao crujir, como dizem os espanhóis, comprimida pelo terremoto, faz um barulho cem vezes maior e mais assombroso do que o das trovoadas de tempestade. É a Terra mesma revolvendo-se.

Enquanto viajo e trabalho, sinto saudades do Brasil e penso sobre o que acontece por lá. Mas faço a cada dia, mesmo sentindo enorme falta do som anasalado de nossa língua portuguesa, meus os irmãos latino-americanos. Entendo que a ética é o motor que me move na ação política e a única alternativa a ela é a indiferença. Não sou

indiferente. Aos meus amigos, no Brasil, peço, por favor: cuidem-se bem e se tranquilizem, porque nossa munção principal, hoje, é a lucidez, o ardor e a paciência.

2. Intelectuais em busca de um lugar no mundo e estruturas de sentimentos

Escrevi em “Intelectuais no exílio: onde é a minha casa?” (2011) que, para o termo exilado, há muitas vezes como pano de fundo o fenômeno histórico de uma ditadura que encontra no banimento o procedimento jurídico para expulsar aqueles que ameaçam a nova ordem instalada e que a prisão não bastaria, podendo acarretar manifestações solidárias de repúdio ou mesmo atos de guerrilha que ameaçariam o regime político imposto.

O exilado sai sem saber se retorna à sua pátria. Seu projeto político e de vida foi derrotado e, a partir deste fato, poderá se *reinventar* no exterior ou simplesmente desistir. Nisto, vários fatores interferem, dentre eles, as condições materiais de existência, a presença ou não do núcleo familiar, a constituição de uma rede fértil de contatos no exterior, seu temperamento mesmo, suas perspectivas, dentre elas, do fim do exílio, a orientar a forma como o exilado se relacionará com o passado, deixado na terra natal, e recriará o presente e futuro.

Edward Said (2003) observa que os exilados são sempre excêntricos e sabem de sua *diferença*; com frequência, exploram-na como um tipo de *orfandade*. Ainda depois de vencida a barreira da língua, ou se esta não chegou a existir, o exilado enfrenta toda a sorte de problemas políticos ou burocráticos que, no limite, levam-no a inúmeros recomeços, vagando de um país a outro, até um novo estabelecimento. Não é de espantar, pois, se o exilado, desconfiado ou mesmo amedrontado, traduza tais sentimentos em atitudes intransigentes. Obstinação, exagero, *tintas carregadas* são suas características, métodos – eficazes ou não - para fazer o mundo a aceitar sua visão. Compostura e serenidade são as últimas coisas associadas à vida e à obra dos exilados. Theodor Adorno, em *Mínima Moral* (2008), autobiografia escrita entre 1944 e 1947, no exílio nos Estados Unidos, cujo subtítulo é *Reflexões a partir da vida lesada*, propõe uma *teoria do exílio moderno* atento à figura do *intelectual em trânsito* em seus tantos deslocamentos que expressam a movimentação da própria da contemporaneidade.

Adorno inicia por considerar as dificuldades a que se expõe aquele que perde a casa. Vive num ambiente que lhe permanecerá incompreensível e, por mais que saiba das organizações sindicais ou do tráfego urbano, estará sempre desorientado. O exilado

é, sem exceção, *prejudicado*. Contudo, a análise de Adorno indica o exílio como um *imperativo moral* ao qual deve o intelectual moderno conscientemente curvar-se; é a sua condição de exilado que lhe faz, verdadeiramente, exercer seu ofício: o pensamento crítico. Adorno usa a expressão *diagnose de si e dos outros* a fim de se referir à alteração de ótica do intelectual exilado que dribla a *cegueira* que lhe parecia invencível pelos insistentes *deslocamentos da retina* e expande, ao contrário do esperado, seu escopo de visão. Adorno revela assim uma paradoxal positividade na experiência do exilado: a conquista de uma *perspectiva alternada*, um modo novo de ver, que somente a *síndrome do desterro* produz. Se o exílio deixa de ser uma realidade individual e passa a marcar uma geração, temos fronteiras deslocadas, nascimento de *entre-lugares*, inéditas topografias, rotas antes impensadas e descobertas a se realizar.

Pereira (2007) recorda a observação do crítico e escritor argentino Piglia para quem o intelectual periférico está sempre deslocado e lança ao mundo sua *mirada estrábica*, distinta daquela do intelectual metropolitano. Enquanto este se reconhece como o centro, aquele é forçado a conhecer a margem e o centro, acostumado a transitar em ambos os lugares.

Segundo Brancher & Souza (2009), Brecht, exilado, dizia que não há nada mais dialético do que a cabeça de quem vive no exílio. O exilado é obrigado o tempo todo a pensar. Suas certezas são filtradas pela dúvida. Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora mediante ocupações que valorizam a mobilidade e a perícia, suas experiências pregressas, por conseguinte. Em acordo com Said (2003), o novo mundo do exilado parece-se sempre com uma ficção.

Atento para as circunstâncias do exílio como provocadoras de *fissuras* num mundo em que apenas aparentemente “tudo está em seu lugar”. Algo como um sopro contra-hegemônico advindo do estilo diferente de *ver* e *sentir* (com) do exilado. Argumento, nesse sentido, que podemos falar em *estruturas de sentimentos*, conceito caro ao crítico galês Raymond Williams (2011) - expoente da primeira geração dos estudos culturais e fundador do materialismo cultural - ao enfatizar, na práxis da vida cotidiana, a *comunhão de experiências*, firme como uma estrutura, entretanto, manifesta em circunstâncias pouco discerníveis aos olhos comuns, capaz de gerar formas emergentes, visíveis como alterações da ordem ou mesmo *perturbações*.

As *estruturas de sentimento* são indefinidas e difusas, por isso mesmo, capazes de “driblar” a hegemonia. Produzem mudanças incrementais que traduzem “processos de emergência de experiências típicas que constituem um certo quadro

geracional” (SOARES, 2011, p. 97). Talvez, os artistas, como “antenas” possam expressá-las melhor em suas obras, em que pese esta, tantas vezes, legitimar as práticas hegemônicas. Falamos da potência desestabilizadora e criativa da arte, algo como uma *consciência coletiva emergente* - termo tomado de empréstimo de Lucien Goldmann - isto é, a consciência empírica de um grupo social em uma situação histórica particular, o que não se restringe às manifestações artísticas.

Tal como Highmore (2016, p. 145) sugere, as *estruturas de sentimentos* têm cores e cheiros, sabores particulares, podem ser tocadas, feitas de madeira ou de aço, de veludo, de parafina, querosene ou algodão. Exalam otimismo, melancolia, esperança, ansiedade, exuberância. Não que Raymond Williams pretendesse antagonizar, desde sempre, pensamento e sentimento, mas, para ele, o pensamento há de ser também sensação e sensibilidade, consciência prática, relacionamento vivo e contínuo.

Pensamos o exílio como *estruturas de sentimentos* que impactam diretamente, no caso desta pesquisa, o ofício intelectual. Tais homens e mulheres passam a andar em ruas, prédios, morar em casas, participar da vida de um povo que não é o seu, deixam lá de algum modo marcas imprevistas. Quase sempre, estão suscetíveis à sedução do engajamento ainda mais forte. Os exilados costumam receber nas novas terras, a oferta de um novo conjunto de afiliações e a chance de estabelecimento de novas lealdades. Afirmam-se enquanto expandem seus vínculos, tal como o fez Darcy Ribeiro, *brasileño latino-americano*. A escrita compulsiva, também nos romances³, faz-nos crer ser a produção intelectual dos brasileiros, não apenas, no exílio latino-americano nos anos 1960-70, expressões da mencionada *consciência coletiva emergente* que reuniu escritores, críticos, humanistas, cientistas sociais cujos trânsitos e *deslocamentos de retina* fizeram emergir diagnósticos e prognósticos originais até hoje a nos inspirar.

Considerações Finais

Augusto Santos Silva, em “Podemos dispensar os intelectuais?”, observou que “os lugares de onde faz sentido agir como intelectuais são lugares de confluências: entre o conhecimento científico, a criação literária e artística e o debate das ideias” (2004, p. 62). Darcy Ribeiro participou destas interseções e sua biografia, tal como o

³ Darcy Ribeiro escreveu quatro romances, a saber, *Maíra; O Mulo; Utopia Selvagem e Migo*, cujas primeiras edições datam respectivamente de 1976, 1981, 1982 e 1986. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a cadeira 11 da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono Fagundes Varela.

historiador Giovanni Levi (1996), destaca tornou-se um fato histórico em tempos modernos, quando os processos históricos não mais se descolam da vida dos indivíduos e de seus projetos.

Darcy Ribeiro filiou-se notavelmente à ideia de *Pátria Grande* de Simon Bolívar, apaixonando-se dela através de *Nuestra América*, de José Martí, que lhe deu o sentido de pertencimento, vital ao ser humano, sobremaneira quando *fora de sua casa*. Não se isolou no exílio, agigantou-se em suas redes alargadas. Seus amigos o estimavam em seu singular pensamento vulcânico, uma imaginação rara que lhe permitiu inventar novas *casas* para onde quer que a vida o levasse, contanto que não tão longe do Brasil. Sua obra, contudo, viajou ainda mais do que o autor. Escrita a partir da América Latina, circulou mundo à fora, traduzida em muitas línguas.

Sua vida repercutiu as palavras de Said: “para o intelectual, o exílio neste sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros” (2003, p. 60). Não perdeu, contudo, a bússola nas difíceis picadas.

Paul Ricoeur (2005) propõe a narrativa como capaz de nos reconciliar, mesmo que nunca definitivamente, com nossa experiência humana, na medida em que damos sentido a esta. Como dissera Husserl, pai da fenomenologia, é na fusão entre subjetividade e objetividade, *observador-observado*, que o mundo se revela. Pela narrativa, aparecem as espessuras do tempo, os ritmos diferenciados, os tempos distintos e os entremeios que são cruciais para que eventos e acontecimentos ganhem distinção no enredo contado. Nossa reflexão postula a arte da narrativa como espaço de comunhão de vivências e estruturas de sentimentos, no sentido de Williams (ano), por isso, espaço de contra-hegemonia.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Mínima Moralía*. Reflexões a partir da vida lesada. São Paulo: Azougue, 2008.
- BRANCHER, Ana & SOUZA, Fábio Francisco Feltrin. Políticas na exterioridade. Notas sobre o exílio de escritores latinoamericanos. *Revista Esboços*. PPGHST/UFSC, n. 20, 2009, p. 205-221.
- COELHO, Haydée Ribeiro. O exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai. *Aletria* (UFMG), Belo Horizonte, v. 9, 2002, p. 211-225.

- HIGHMORE, Ben. Formations of Feelings, Constellations of Things. *Cultural Studies Review* (CSR) 2016, 22, 1, September 2016, p. 144-167. Disponível em: <http://epress.lib.uts.edu.au/journals/index.php/csrij/index>. Acesso em 01 de junho de 2016.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 167-182.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M.. Intelectuais no exílio: onde é a minha casa? Dimensões. *Revista de História da Ufes*, n. 26, 2011, p. 152-176.
- PEREIRA, Maria Luiza Scher. O exílio em *Páramo* de Guimarães Rosa: dilaceramento e superação. *Psicanálise & Barroco*. Revista de Psicanálise. v.5, n.1: jun. 2007, p. 7-21.
- RIBEIRO, Darcy. *Golpe e exílio*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília: Ed. UnB, 2010a. (Darcy no bolso, v. 9)
- RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. *Migo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- _____. *O mulo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- _____. *Tempos de turbilhão*. Relatos do Golpe de 64. São Paulo: Global, 2014.
- _____. *Utopia selvagem*. Saudades da inocência perdida, uma fábula. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Vida, minha vida*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília: Ed. UnB, 2010b. (Darcy no bolso, v.6)
- RICOEUR, Paul. O perdão pode curar? In: HENRIQUES, Fernanda (Org.). *Paul Ricoeur e a simbólica do mal*. Porto: Ed. Afrontamento, 2005.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Augusto Santos. Podemos dispensar os intelectuais?. In: MARGATO, Izabel & GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004, p. 39-67.
- SOARES, Eliane Veras. Literatura e estruturas de sentimento: fluxos entre Brasil e África. *Sociedade e Estado* (UnB), vol. 26, n. 2, maio/ago, 2011, p. 95-112.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.